

10

O complexo obsessão

Pode um Espírito tomar temporariamente o invólucro corporal de uma pessoa viva, isto é, introduzir-se num corpo animado e obrar em lugar do outro que se acha encarnado nesse corpo?

“O Espírito não entra em um corpo como entras numa casa. Identifica-se com um Espírito encarnado, cujos defeitos e qualidades sejam os mesmos que os seus, a fim de obrar conjuntamente com ele. Mas, o encarnado é sempre quem atua, conforme quer, sobre a matéria de que se acha revestido. Um Espírito não pode substituir-se ao que está encarnado, por isso que este terá que permanecer ligado ao seu corpo até ao termo fixado para sua existência material.”

(O LIVRO DOS ESPÍRITOS, Allan Kardec – pergunta 473)

Um dos mais belos estudos que o Espiritismo faculta aos seus adeptos é, certamente, aquele a que os casos de obsessão nos arrastam. Temos para nós que esse difícil aprendizado, essa importante ciência de averiguar obsessões, obsessores e obsidiados deveria constituir especialidade entre os praticantes do Espiritismo, isto é, médiuns, presidentes de mesa, médiuns denominados passistas, etc. Assim como existem médicos pediatras, oculistas, neurologistas, etc., etc., também deveriam existir espíritas especializados nos casos de tratamento de obsessões, visto que a estes será necessária uma dedicação absoluta a tal particularidade da Doutrina, para levar a bom termo o mandato.

Tal ciência, porém, não se poderá limitar à teoria, requerendo antes paciente e acurada observação em torno dos casos de obsessão que se apresentem no limite da ação de cada um, pois é sabido que a observação pessoal, a prática no exercício do sublime mandato espírita enriquece de tal forma os nossos conhecimentos em torno de cada caso com que nos defrontamos que, cada um deles, ou seja, cada obsidiado que se nos depare em nossa jornada de espíritas constituirá um tratado de ricas possibilidades de instrução e aprendizado, visando à cura, quando a cura seja possível. Tantas são as modalidades, as espécies de obsessão que se nos têm deparado durante o nosso longo tirocínio de espírita e médium que, certamente, para examiná-las todas, na complexidade das suas manifestações e origens, precisaríamos organizar um compêndio. Nesta ligeira anotação, portanto, preferiremos tratar de alguns casos da nossa observação pessoal, nos quais agimos como médium, às vezes, ou como conselheira de ambos os implicados no fenômeno, isto é, o obsessor e o obsidiado. Mas antes que entremos diretamente na exposição que pretendemos tentar, preferimos reportar-nos ao mestre por excelência do Espiritismo, Allan Kardec, cujas sensatas advertências não foram jamais desmentidas pela observação dos seus seguidores, até o presente momento. Em O LIVRO DOS ESPÍRITOS vemos ainda os seguintes ligeiros esclarecimentos, que pedimos vênia ao leitor para transcrever, visto que nunca serão demasiados o estudo e a meditação em torno de qualquer ponto importante da Doutrina Espírita, se é que nela existem pontos menos importantes uns do que outros. Assim relembremos, além da questão 473, acima citada, também as de número 474 e seguintes. Pergunta Allan Kardec aos instrutores espirituais que ditaram aquele código de ouro:

— “Desde que não há possessão propriamente dita, isto é, coabitação de dois Espíritos no mesmo corpo, pode a alma ficar na dependência de outro Espírito, de modo a se achar subjugada ou obsidiada ao ponto de a sua vontade vir a achar-se, de certa maneira, paralisada?”

E o instrutor espiritual respondeu:

— “Sem dúvida e são esses os verdadeiros possessos. Mas é preciso saibas que essa dominação não se efetua nunca sem que aquele que a sofre o consinta, quer por sua fraqueza quer por desejá-la. Muitos epiléticos ou loucos, que mais necessitavam de médico que de exorcismos, têm sido tomados por possessos.”

— “Pode alguém por si mesmo afastar os maus Espíritos e libertar-se da dominação deles?”

— “Sempre é possível, a quem quer que seja, subtrair-se a um jugo, desde que com vontade firme o queira.”

— “Mas não pode acontecer que a fascinação exercida pelo mau Espírito seja de tal ordem que o subjugado não a perceba? Sendo assim, poderá uma terceira pessoa fazer que cesse a sujeição da outra? E, nesse caso, qual deve ser a condição dessa terceira pessoa?” — indaga ainda, inteligentemente, Allan Kardec, ao que o instrutor espiritual advém com a seguinte preciosa lição:

— “Sendo ela (a terceira pessoa) um homem de bem, a sua vontade poderá ter eficácia, desde que apele para o concurso dos bons Espíritos, porque, quanto mais digna for a pessoa, tanto maior poder terá sobre os Espíritos imperfeitos¹¹, para afastá-los, e sobre os bons, para os atrair. Todavia, nada poderá, se o que estiver subjugado não lhe prestar o seu concurso. Há pessoas a quem agrada uma dependência que lhes lisonjeia os gostos e os desejos. Qualquer, porém, que seja o caso, aquele que não tiver puro o coração nenhuma influência exercerá. Os bons Espíritos não lhe atendem ao chamado e os maus não o temem.”

— “As fórmulas de exorcismo têm qualquer eficácia sobre os maus Espíritos?”

— “Não. Estes últimos riem e se obstinam, quando veem alguém tomar isso a sério”.

— “Pessoas há, animadas de boas intenções e que, nada obstante, não deixam de ser obsidiadas. Qual, então, o melhor meio de nos livrarmos dos Espíritos obsessores?”

— “Cansar-lhes a paciência, nenhum valor lhes dar às sugestões, mostrar-lhes que perdem o tempo. Em vendo que nada conseguem, afastam-se.”

— “A prece é meio eficiente para a cura da obsessão?”

— “A prece é em tudo um poderoso auxílio. Mas, crede que não basta que alguém murmure algumas palavras, para que obtenha o que deseja. Deus assiste os que obram, não os que se limitam a pedir. É, pois, indispensável que o obsidiado faça, por sua parte, o que se torne necessário para destruir em si mesmo a causa da atração dos maus Espíritos.”

É evidente que, aí, no que acabamos de ler, se trata apenas de casos de obsessão em pessoas que mais ou menos conheçam o fato e que por isso mesmo estariam em condições de auxiliar a própria cura com o veemente desejo de se libertarem do incomodativo assédio, e cuja força de vontade fosse a principal terapêutica. Mas a observação, a prática dos trabalhos transcendentais do Espiritismo adiantam que, na maioria dos casos, o obsidiado absolutamente não se encontra em condições de auxiliar a si mesmo, seja em vista da subjugação total por que se deixou envolver, seja pela fraqueza ou a ignorância que a sua vida de descrença e materialismo produziu, retendo-o afinado com as imperfeições de ordem geral. Cumprirá então aos espíritas que

¹¹ Os grifos são nossos.

tratam do caso, isto é, médiuns e diretores de trabalhos práticos, agirem com o cabedal que a Doutrina fornece, a fim de testemunharem o valor da mesma.

Mas, como bem vimos nas perguntas acima citadas, e como a observação demonstra, será necessário a uns e outros o conhecimento sólido da Doutrina para a análise indispensável das comunicações do obsessor e uma dedicação ilimitada ao trabalho, um coração reeducado nos princípios do amor e da fraternidade, equilíbrio moral autêntico, ou, pelo menos, o desejo sincero de adquirir essas qualidades através do esforço diário por uma reforma pessoal, a fim de se imporem ao obsessor pelo exemplo e pureza de sentimentos e assim convencê-lo à própria reforma moral. O próprio médium, a sós consigo e suas leituras e preces, muito poderá contribuir para a conversão do Espírito endurecido, pois os seus exemplos e o amor que por ele demonstrar cativá-lo-ão, e ele se tornará um amigo e daí a aceitar os conselhos sugeridos a distância será menor. Mas para atingir tal possibilidade será necessário ao médium, por sua vez, muitas renúncias e reformas pessoais, fê inquebrantável, assistência espiritual comprovada e segura e a possibilidade de permanecer em condições vibratórias, mentais e físicas satisfatórias, constantemente, diariamente, e não apenas nos momentos em que se sentar à mesa da comunhão com o Invisível para o desempenho do seu sagrado mandato, pois do elevado e criterioso desempenho dos médiuns depende o êxito das reuniões espíritas em geral e das curas das obsessões em particular. Isso afirmamos, porém, não excluindo a responsabilidade dos diretores terrenos das mesmas, de cuja segurança moral e conhecimento de causa igualmente dependem os bons êxitos de quaisquer reuniões práticas de Espiritismo, e lembrando, outrossim, a responsabilidade de cada um dos próprios componentes da mesa. Pode-se dizer, portanto, que esses trabalhos são o fruto de uma comunhão sublime entre médiuns, diretores de sessões e guias espirituais sob o patrocínio do Cristo de Deus, Mestre maior de toda a Ciência, e que, por isso mesmo, todos temos grandes responsabilidades, o desempenho é sagrado para todos e não poderá ser realizado com indiferença ou menor grau de dedicação. Daí o imaginarmos que os trabalhos para curas de obsessão deviam ser especialidade de determinados espíritas e sempre realizados em ambientes discretos, onde quaisquer rumores do mundo não penetrassem, pois é sabido, por quantos se dedicam às investigações transcendentais, que as vibrações ambientes influem poderosamente, bem ou mal, nos trabalhos práticos do Espiritismo. Essas atribuições, ou seja, a dedicação aos casos de obsessão, requerendo constante e profunda atenção, observação e estudo, absorve de tal forma as preocupações do experimentador que bom seria que ele somente se dedicasse a tal setor, a bem dele mesmo e do próprio labor.

No capítulo XXVIII de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO, na “Prece para o começo da reunião”, existe a seguinte advertência, a qual sensatamente instruiria os médiuns que a estudassem com o coração atento, e também aos respectivos diretores, pois a instrução espírita não pode perder de vista nenhum detalhe que vise a solidificá-la:

“Bons Espíritos que vos dignais de vir instruir-nos, tomai-nos dóceis aos vossos conselhos; preservai-nos de toda ideia de egoísmo, orgulho, inveja e ciúme; inspirai-nos indulgência e benevolência para com os nossos semelhantes, presentes e ausentes, amigos ou inimigos, fazei, em suma, que, pelos sentimentos de que nos achemos animados, reconheçamos a vossa influência salutar. Dai aos médiuns, que escolherdes para transmissores dos vossos ensinamentos, consciência do mandato que lhes é conferido e da gravidade do ato que vão praticar, a fim de que o façam com o fervor e o recolhimento precisos”.

Entretanto, nem todos os obsessores são verdadeiramente maus, e de muitos deles poderemos fazer amigos espirituais nossos, através do bom tratamento fraterno que lhes dispensarmos.

Lembramo-nos aqui de um desses obsessores, com o qual travamos conhecimento durante certos trabalhos para curas de obsessão, realizados na antiga “Casa Espírita”, da cidade de Juiz de Fora, no Estado de Minas Gerais, o qual dizia, quando, presidindo nós as sessões, o exortávamos a abandonar a infeliz atitude de perseguidor do próximo, usando então expressões quase integralmente idênticas às aqui lembradas:

— “Perdoe, minha querida! É com pesar que a contrario. Peça-me outra qualquer coisa, e eu a atenderei com o coração nas mãos. Peça-me que seja bom e caridoso para com qualquer outra pessoa, que ore pelos que sofrem, como a vejo fazer aqui todos os dias; peça-me seja o que mais for e me esforçarei por atendê-la. Mas não me peça para desviar ‘dele’ (o obsidiado) o castigo que tanto merece, porque isso está além das minhas possibilidades. Se a Senhora soubesse o que ele me fez! Da sua pessoa, isto é, a Senhora, tão meiga para mim nas suas orações, tão afetuosa, tão boa. para os meus companheiros de desgraça, eu gosto muito, muito mesmo! Ser-lhe-ei eternamente grato pelo bem que me vem prestando: estarei pronto a servi-la em qualquer emergência em que lhe puder ser útil. Mas a ‘ele’ não! Eu o odeio com todas as forças do meu coração ultrajado pela maldade dele, e não o pouparei!”

— “O teu drama foi vivido há tantos anos, meu amigo! Porque retê-lo nas recordações, para continuar sofrendo o seu amargor? Não seria mais consolador procurar perdoar e esquecer, concedendo tréguas ao coração sofredor, para tentar a felicidade na prática do amor fraterno?” — revidamos nós. Mas pareceu não ouvir a nossa insistência, pois continuou a frase interrompida:

— “Sim, minha querida, somente dois lugares lhe assentam bem como residência: o hospício, onde presentemente se acha, ou a cadeia, pois a ambos eu conheci por culpa dele. É um miserável, acredite, é pior do que eu, e merece o que está sofrendo...”

Esse obsessivo, como se vê, não era dos mais endurecidos, visto que admitia atitudes amáveis para outrem que não o seu adversário, e era sincero, declarando que a este não abandonaria, em vez de mistificar, concordando em se afastar do mesmo apenas no intuito de se livrar de nossa impertinência, como muitos outros & fazem. E quer nas sessões práticas, que então realizávamos, quer a sós, durante a vigília ou em nossos transe de desprendimento, demonstrou sempre grande respeito e mesmo afeto por nossa pessoa. Em certa ocasião, quando as dores de uma grande provação nos assaltaram, tivemos-lo ao nosso lado tentando algo para nosso alívio, qual bom amigo terreno, que, apesar de não ser personalidade propriamente virtuosa, é capaz de bem-querer e favorecer um amigo. Cerca de um ano mais tarde, no entanto, cansou-se de praticar a vingança, envergonhou-se do próprio procedimento e, porque já tivesse adquirido conhecimentos razoáveis sobre o Evangelho e a Doutrina Espírita, graças à convivência com os componentes das aludidas sessões, arrependeu-se, abandonou a presa, que se recuperou lentamente, e despediu-se de nós para novos ciclos de progresso. Como bem se percebe, essa entidade permaneceu, reeducando-se, nas sessões da antiga “Casa Espírita”, assistindo aos trabalhos práticos e aos estudos durante cerca de dois anos, quando ensejos lhe foram renovados para observar o elevado ideal que movia aquelas criaturas, que outro desejo não possuíam senão o de progredir na prática do Bem e do amor a Deus.

A instrução doutrinária, o exemplo, a paciência e o amor são, portanto, fatores indispensáveis ao bom êxito dos trabalhos de curas de obsessão. E não julguemos que qualquer entidade endurecida no erro possa converter-se e arrepender-se rapidamente, sob a magia da nossa doutrinação durante uma ou duas reuniões. Elas permanecerão, talvez, frequentando nossos trabalhos a fim de se instruírem e se reeducarem sob nosso contacto, conosco fazendo o aprendizado rudimentar para conseguirem novas fases de instrução e progresso. Alguns dali

mesmo voltarão a reencarnar, sem atingir a Espiritualidade. E então, certamente, o obsidiado igualmente será agraciado com novos ensejos redentores. Entrementes, nada se conseguirá se o próprio obsidiado não auxiliar a cura procurando renovar-se moral e mentalmente, corrigindo suas imperfeições e reagindo contra as sugestões maléficas do opositor. Pela prece humilde e fervorosa, ele muito conseguirá para si próprio, pois, tal procedimento, digno e agradável às leis de Deus, cansará o obsessor, que cedo se retirará, compreendendo que a si mesmo ofende quando procura ofender o próximo. O obsidiado, então, muito poderá fazer pela regeneração moral do seu obsessor, o que o elevará em méritos no conceito do mundo espiritual, para ele atraindo as simpatias protetoras.

Ainda de O EVANGELHO SEGUNDO O ESPIRITISMO», de Allan Kardec, convém recordar os trechos seguintes, os quais muito alertarão quanto ao que emprendermos para o citado trabalho de curas de obsessão. São extraídos do Prefácio da “Prece para ser dita pelo obsidiado”, no mesmo capítulo XXVIII, parágrafo 81. De sua leitura e respectiva meditação ressalta a necessidade do pleno conhecimento de causa daqueles que se dedicam aos casos de obsessão, consoante acabamos de lembrar:

— “Nos casos de obsessão grave, o obsidiado se acha como que envolvido e impregnado de um fluido pernicioso, que neutraliza a ação dos fluidos salutaros e os repele. É desse fluido que importa desembaraçá-lo. Ora, um fluido mau não pode ser eliminado por outro fluido mau. Mediante ação idêntica à do médium curador nos casos de enfermidade, cumpre se elimine o fluido mau com o auxílio de um fluido melhor, que produz, de certo modo, o efeito de um reativo. Esta a ação mecânica, mas que não basta; necessário, sobretudo, é que se atue sobre o ser inteligente, ao qual importa se possa falar com autoridade, que só existe onde há superioridade moral. Quanto maior for esta, tanto maior será igualmente a autoridade. E não é tudo: para garantir-se a libertação, cumpre induzir o Espírito perverso a renunciar aos seus maus desígnios; fazer que nele despontem o arrependimento e o desejo do bem, por meio de instruções hábil-mente ministradas em evocações particulares, observando a sua educação moral. Pode-se então lograr a dupla satisfação de libertar um encarnado e de converter um Espírito imperfeito. A tarefa se apresenta mais fácil quando o obsidiado, compreendendo a sua situação, presta o concurso da sua boa vontade e da sua prece. O mesmo não se dá, quando, seduzido pelo Espírito embusteiro, ele se ilude no tocante às qualidades daquele que o domina e se compraz no erro em que este último o lança, visto que, então, longe de secundar, repele toda assistência. É o caso da fascinação, infinitamente mais rebelde do que a mais violenta subjugação”. (Vide O LIVRO DOS MÉDIUNS, cap. XXIII).

Em todos os casos de obsessão, a prece é o mais poderoso auxiliar de quem haja de atuar sobre o Espírito obsessor.

Na nota final do livro “A Prece” existe também este precioso tópico, pois é bem certo que jamais devemos desprezar quaisquer tópicos, por pequenos que sejam, das instruções doutrinárias:

— “A cura das obsessões graves requer muita paciência, perseverança e devotamento. Exige também tato e habilidade, a fim de encaminhar para o bem Espíritos muitas vezes perversos, endurecidos e astuciosos, porquanto há os rebeldes ao extremo. Na maioria dos casos, temos que nos guiar pelas circunstâncias, porém, qualquer que seja o caráter do Espírito nada se obtém pelo constrangimento ou pela ameaça. Toda influência reside no ascendente moral. Outra verdade igualmente comprovada pela experiência, tanto quanto pela lógica, é a completa ineficácia dos exorcismos, fórmulas, palavras sacramentais, amuletos, talismãs, práticas exteriores, ou quaisquer sinais materiais.”

“A obsessão muito prolongada pode ocasionar desordens patológicas e reclama, por vezes, tratamento simultâneo ou consecutivo, quer magnético, quer médico, para restabelecer a saúde do organismo. Destruída a causa, resta combater os efeitos”. (Veja-se O LIVRO DOS MÉDIUNS, cap. 23º — “Da obsessão”).

Cumpre-nos acrescentar, a essas interessantes observações de Allan Kardec, as considerações que se seguem, a nós ditadas psicograficamente, em resposta a determinadas perguntas feitas por um médico espírita. Tantos são os pedidos de esclarecimentos sobre obsessões, que recebemos, que não seriam inúteis investigações perseverantes em torno de todas as feições desse terrível flagelo que parece sondar o homem do berço ao túmulo, sob múltiplos disfarces, o que indica o mal existente nos refolhos da sua própria alma, ou consciência, ou ainda da mente. As referidas considerações recebemo-las do Espírito Dr. Adolfo Bezerra de Menezes e são apresentadas ao público a título de estudo e observação e não como afirmativa cabal, pois não ignoramos que jamais um médium, leigo sempre nas teses que recebe do Invisível e desconhecendo fundamentos científicos, poderá afirmar como expressão absoluta da realidade aquilo que obtém através da sua faculdade, senão dar, ao estudo de adeptos credenciados pela competência e idoneidade de caráter, todo o produto da sua faculdade.

Eis a pergunta:

— “As doenças mentais são sempre vinculadas a problemas espirituais? Mesmo aquelas que têm substrato orgânico?”

Resposta do Espírito Dr. Bezerra de Menezes:

1 — “Certamente, meus amigos, com algumas exceções. As exceções podem ser: Fadiga mental, depressões nervosas ocasionadas por algum fator patológico, impurezas do sangue, sífilis e outras de fácil verificação. A própria loucura de origem alcoólica poderá ter causa espiritual, visto que o alcoólatra poderá ser um obsidiado, ou atrair afins espirituais que lhe compliquem os distúrbios. Mas nem todas as doenças mentais têm origem na obsessão, embora sejam de origem psíquica. O mundo espiritual é intensíssimo e os homens estão longe de compreender sua intensidade. Por sua vez, o ser psíquico, o perispírito inclusive, e, acima de tudo, a mente, são potências inimagináveis para os homens. Assim sendo, os sentimentos de um desencarnado atingirão intensidades indescritíveis se esse ser não for bastante equilibrado, ou evoluído, para dirigi-las normalmente. A fim de compreendermos o que se seguirá, porém, devemos ter em mente que o perispírito é ligado ao corpo físico, na encarnação, pela rede de vibrações nervosas, e a este dirige como potência equilibradora. O remorso, por exemplo, que é um dos mais avassaladores sentimentos, e que, no estado de desencarnação de um Espírito, chegará a enlouquecê-lo, poderá levar o Espírito a reencarnar em estado vibratório precário, por excitado, deprimido, alucinado, desesperado, etc. E, assim sendo, ele carreará para o corpo que habitar predisposições para acentuado desequilíbrio nervoso, intoxicações magnéticas que mais tarde redundarão em doença mental, onde até visões (do passado em que delinuiu) existirão, ao choque de uma possível fadiga mental, de uma emoção forte ou até de excessos de qualquer natureza, inclusive o excesso sexual e até o alimentar. Seu aspecto será o de um obsidiado. No entanto, ele é obsidiado apenas por sua (memória profunda, que vinculou sua personalidade humana. Se houve remorso, houve crime, delinquência. E, se houve crime, a consciência, desarmonizada consigo mesma, desarmonizará todo o ser, e de muitas formas. A mente enferma refletirá sua anormalidade sobre o perispírito, que é dirigido por ela, e este sobre o corpo carnal, que é escravo de ambos, através do sistema nervoso. E eis aí a doença mental com substrato orgânico vinculada a problemas espirituais, mas não propriamente a obsessão na sua feição comum. (Se se tratar desse paciente, pelas vias espíritas

comuns, é provável que ele não se recupere, ou pelo menos que não se recupere com facilidade, visto que não existe um obsessor propriamente dito. E se se evocar um obsessor, insistindo na atração, facultar-se-á a possibilidade da comunicação do próprio Espírito do suposto obsidiado, que será atingido pelas correntes vibratórias atrativas, cairá como que em transe, adormecerá e dará a comunicação. Referir-se-á a «ele», isto é, ao corpo que ocupa como se se tratasse de outra personalidade, pois é sabido que o Espírito de um vivo, se se comunica em sessões de experimentações, refere-se ao próprio corpo usando a terceira pessoa do singular. Se tais tentativas forem bem planejadas e aplicadas, o tratamento beneficiará o comunicante, visto que ele terá sido doutrinado, evangelizado, instruído, consolado, etc., pois tal tratamento é usado no mundo Invisível para encarnados sofrendores e desequilibrados, com muito bons resultados. Mas se o instrutor encarnado, durante a comunicação, entrar a supô-lo um obsessor desencarnado e procurar convencê-lo de tal, com assertivas que não se amoldem ao caso, confundirá o comunicante, e ele se retirará assaz desgostoso e desorientado. Assim, pois, para evitar tal contratempo, convém que os dirigentes das sessões conheçam bastante o terreno em que estão agindo, que disponham de médiuns assaz seguros para transmitirem as instruções dos dirigentes espirituais, indicando as tentativas a serem feitas. As sessões de estudo doutrinário serão de grande utilidade para tais casos, se o paciente estiver em condições de frequentá-las.

2 — “Um suicida poderá renascer em deplorável estado mental (psíquico-físico) cujos distúrbios, as mais das vezes, crescerão diariamente, à proporção que o perispírito melhor dominar o corpo, quando não for completamente anormalizado desde o nascimento: Um tiro no coração acarretará enfermidade pré-natal desse órgão. Um esmagamento por trem de ferro ocasionará entorpecimento vibratório do perispírito, dado o violento traumatismo que provoca, e, portanto, plenas disposições, no corpo material, para o entorpecimento dos músculos, dos nervos e até da medula espinhal e glândulas cerebrais, em encarnação imediata, e, assim, tendência quicá irremediável para a paralisia, a demência, o retardamento intelectual, etc. Um tiro no ouvido, a surdez, um câncer ou anomalias do aparelhamento cerebral, quando não as mesmas tendências acima citadas, além de uma possível cegueira, pois o cérebro foi afetado pelo suicídio, o cérebro perispiritual ressentiu-se de tais efeitos através do próprio sistema de vibrações eletromagnéticas. O envenenamento acarretará enfermidade do aparelho digestivo, alteração do sistema circulatório, dispepsias nervosas, etc. E todas essas origens psíquicas, alterando os centros nervosos e o sistema de sensações existentes no cérebro, se ramificam, através do sistema nervoso, pelo aparelho humano, e vão afetar o órgão correspondente ao que, no perispírito, foi assinalado pelo ato anterior do suicídio. Não esqueceremos aqueles que se matam atirando-se de grandes alturas: esses poderão até mesmo renascer predispostos à loucura e, invariavelmente, serão nervosos, inquietos, terão ataques e serão tidos e havidos como epiléticos, quando suas convulsões e manifestações mórbidas nada mais serão do que vínculos mentais que revivem sensações passadas ao evento de uma contrariedade ou qualquer outro choque emocional. E eis novas doenças mentais vinculadas a problemas espirituais, pois tudo isso, alterando extraordinariamente o sistema nervoso, criou rede de complexos que afetarão o bom funcionamento mental, visto que é o perispírito enfermo que está dirigindo um sistema nervoso que, necessariamente, se tornou igualmente enfermo. Muitos de tais pacientes dir-se-iam obsidiados. Mas em verdade não o são senão pelos próprios distúrbios conscienciais e emocionais que arrastam de uma existência a outra. E tanto necessitarão de um hábil psiquiatra como da reanimadora assistência do mundo espiritual e até da reeducação moral fornecida pelo Evangelho.

3 — “O perispírito, meus amigos, é corpo vivo, passível não só de adoecer se a mente enferma, mas de refletir também estados conscienciais deploráveis ou sublimes, e os estados

conscienciais muito graves poderão ocasionar doenças mentais em um ser encarnado, e convenhamos que tal estado até mesmo se retrata no aspecto fisionômico do indivíduo.

4 — “Todos esses casos, influenciando no sistema nervoso, afetarão, muitas vezes, o cérebro, uma vez que o primeiro é o veículo natural do perispírito, no estado de encarnação. Daí o fato de os sistemas glandulares do aparelho cerebral humano serem atingidos. Ataques, convulsões, epilepsia, hipocondria, neurastenia e depressões têm origens espirituais e não raro são casos também fundamentados na obsessão, na sugestão hipnótica obsessora (a sugestão hipnótica nada mais é do que obsessão temporária, quando não for positiva), etc. O tratamento psíquico em tais casos será de grande valia, embora não dispense o físico.

5 — “Viciando a mente com pensamentos inferiores de qualquer natureza, uma pessoa estará sujeita ao desequilíbrio total e, possivelmente, provocando assédio obsessor dos afins desencarnados. Esses são obsidiados por si próprios ou por outrem, porque o desejam. A cura, nesses casos, mais do que nos demais, dependerá deles próprios, ou seja, da sua renovação moral e mental, da prática do bem, da reeducação total que se impõem, sendo, portanto, tais casos, muito difíceis de serem removidos. Não percamos de vista que o corpo humano é apenas um aparelho delicado, cujas baterias e sistemas condutores de vida são dirigidos pelas forças do perispírito, e este, por sua vez, comandado será pela vontade, isto é, a consciência, a mente.

6 — “Acrescentaremos que existem, nos sanatórios para alienados, enfermos considerados incuráveis, e que realmente são recuperáveis. A psiquiatria diagnosticou o mal de acordo com os estudos da Ciência Oficial, que somente observou os efeitos do mal, sem cogitar da verdadeira causa, que é psíquica. Em verdade, porém, aquele suposto enfermo incurável assim se conservará porque suas forças mediúnicas se encontram ainda em elaboração. Essas forças, ou agentes transmissores, são: eletricidade, magnetismo e fluido vital, as mesmas propriedades, portanto, particulares ao perispírito, que também é força. Para que o efeito mediúnico se realize, principalmente o efeito mediúnico normal, implicando vibrações capazes de se conjugarem com as vibrações excelentes do invisível, cumpre que aquelas propriedades vibrem harmoniosamente entre si e com o sistema nervoso do próprio médium, o que nem sempre acontece. Daí a razão por que Allan Kardec declarou ser a mediunidade faculdade espontânea que não deve ser provocada e sim nobremente aceita quando naturalmente se apresentar, tão-pouco devendo sofrer insistência no seu desenvolvimento. A faculdade mediúnica não atinge o grau necessário, à possibilidade do desenvolvimento normal, num ano ou em dez, mas através de etapas reencarnatórias. Pode acontecer que a força trinitária de que se reveste o perispírito, sede da mediunidade, não realize ainda a harmonia do conjunto vibratório, diapasão normal necessário ao feito transmissor mediúnico. Exemplo: o fluido vital excessivo para o grau delicado do magnetismo, essência transcendente, não permitirá o diapasão harmonioso de vibrações exigido para o equilíbrio da faculdade. Pode acontecer que o grau de eletricidade existente no perispírito constitua força excessiva; que a função mediúnica excitará ainda mais, atingindo as glândulas cerebrais, enfermado-as. Assim sendo, não possuindo ainda o perispírito o necessário equilíbrio de forças para o fenômeno da transmissão mediúnica, nada mais será que um aparelho defeituoso; que tende a se aprimorar com o tempo para as funções normais, onde a mediunidade é das mais importantes. Se, nesse estado, houver contactos magnéticos de um agente exterior (o Espírito comunicante), fenômeno que se poderá realizar à revelia da Doutrina Espírita, dificuldades imensas se apresentarão, as glândulas cerebrais, mal acionadas por aquela força trinitária, não suportarão os choques daí derivados, o cérebro sofrerá comoções importantes e um tipo de demência, pacífica ou violenta, desafiará a cura pelos processos medicinais, mas que o tratamento psíquico sábio,

consciente, através do magnetismo espiritual, poderá remediar. Essa faculdade, contudo, não será desenvolvida, não dará frutos, o paciente será sempre como que anormalizado por causas mórbidas indefiníveis, visto que ainda não existe a sua possibilidade, pois ficai sabendo que o próprio homem ainda não atingiu a plenitude que a Criação dele exige, é um ser ainda inacabado, ainda em elaboração, que apenas estará plenamente criado quando suas faculdades gerais se equilibrarem em funções coordenadas. E não vejais em tais casos a expiação ou o resgate: tratar-se-á apenas de evolução, pois sabe-se que a evolução, de qualquer natureza, não se fará sem grandes choques e comoções. Haja vista o próprio planeta, que penosamente vem evoluindo entre choques milenares, e assim o homem com ele. E, pois, também a mediunidade em elaboração poderá produzir ‘doença mental vinculada a problemas espirituais», sem que, contudo, tais distúrbios sejam normais ou obrigatórios na evolução de cada um’.

7 — “Nem todos os casos, porém (de complexos psíquicos), são oriundos da chamada ‘expiação’ ou do ‘resgate’. A criatura encarnada está sujeita também a acidentes variados durante a romagem terrena, num planeta onde forças heterogêneas proliferam. Muitos casos deploráveis que assaltam os homens encarnados poderão ser consequências das suas mesmas displicências do presente ou estarão ligados ao plano de evolução, que impele a Humanidade ao progresso natural, razão pela qual não existirá injustiça nem aberração em casos tais, mas o cumprimento de uma lei, auxílio da Natureza ao paciente. Não podemos, ao demais, esquecer que o homem vive num planeta assaz inferior e que muitos contratemplos e distúrbios que aí o levam a sofrer resultam do estado do planeta e dele próprio, que com este evolui. O assunto é complexo e por assim dizer infinito, e não poderemos explaná-lo a contento numa simples crônica”.

* * *

A variedade e tipos de obsessão são impressionantes aos olhos do bom observador.

Afirmam os instrutores espirituais que as mais perigosas e difíceis de cura, porque ignoradas por todos, uma vez que não demonstram perturbações mentais no indivíduo atacado, são aquelas que ocultamente solapam a vontade do obsidiado através de uma sugestão contínua, ininterrupta, exercida, principalmente, durante o sono do paciente, transformando-se em hipnose maléfica. Assim submetido à ação oculta do obsessivo, o obsidiado parecerá pessoa comum ao observador, mas em verdade se tornou um autômato, que descerá ao crime ou ao suicídio, se aquele assim o ordenar. Tal obsessão é dificilmente curável, asseveram os mesmos instrutores, porque conta com a cumplicidade do obsidiado, que se apraz na prática dos erros a que o opressor o induz. Vejamos o que a respeito esclarece também a entidade Dr. Adolfo Bezerra de Menezes em seu livro «Dramas da Obsessão», a nós concedido através da psicografia:

— “Refutará o leitor, lembrando que, assim sendo, ninguém terá responsabilidades nos erros que sob tais influências cometa. Acrescentaremos que a responsabilidade permanecerá com o próprio obsidiado, visto que não só não houve a verdadeira alteração mental como também nenhum homem ou mulher será jamais influenciado ou obsidiado por entidades dessa categoria, se a estas não oferecer campo mental propício à penetração do mal, pois a obsessão, de qualquer natureza, nada mais é que duas forças simpáticas que se chocam e se conjugam numa permuta de afinidades.”

Durante o nosso longo tirocínio de trabalhos e observações espíritas, temos deparado obsessões violentas facilmente curáveis e obsessões aparentemente pacíficas absolutamente incuráveis, ao passo que outras, semelhantes a atuações e assédios que mais implicavam fenômeno mediúnico do que fenômeno de obsessão, manifestação de Espíritos num médium moralmente

incapaz de assumir o grave compromisso de mediador entre o Invisível e a Terra, e que mais necessitava de renovações pessoais e iniciação doutrinária que mesmo de desenvolver a faculdade que portava, a qual dele faria, sem a renovação pessoal necessária, um eterno juguete das forças inferiores do mundo invisível. É sabido, pois, que nem sempre convém ao médium e ao próprio critério da Doutrina Espírita desenvolver uma faculdade mediúnica que aflora pelos canais da obsessão sem um tratamento prévio do médium, tratamento que será moral, mental e físico, a par da preparação pelo estudo e pela meditação. O bom desenvolvimento mediúnico, que solidifica a faculdade evitando crises obsessoras de muitos gêneros, não implica somente a frequência a determinadas sessões, mas, principalmente, a cultura moral interior do pretendente ao intercâmbio com o invisível, o cultivo das boas qualidades do caráter, o estudo, a meditação, a prática do bem, o método e a organização dos trabalhos espíritas e da própria ação diária da vida, a prece, a leitura edificante corrigindo vícios mentais, o amor generalizado irradiando para manifestações superiores, enfim, uma renovação de valores circunstanciada, renovação que não poderá ser, certamente, rápida, mas que será constante nos propósitos de progresso. Tudo isso lentamente aprimora, abrihanta, solidifica a faculdade mediúnica, evitando possibilidades de um desvio para o campo obsessivo.

Obsessões há surpreendentes, como a seguinte, cuja natureza dá muito que pensar, pois diariamente poderemos encontrar casos idênticos, desconhecendo que se trata de obsessão.

Presenciamos-a no ano de 1930, no antigo “Centro Espírita de Lavras”, servindo nós mesma de intérprete do Espírito Dr. Adolfo Bezerra de Menezes para o serviço de cura. Será de utilidade que em todos os processos de curas de obsessões um médium bastante desenvolvido e fiel ao elevado mandato se torne porta-voz das necessárias instruções dos Guias Espirituais, o que quer dizer que não nos devemos arrojarmos pelo espinhoso caminho se tal médium não existir no grupo.

* * *

— Um jovem de doze anos de idade, único filho varão de modesto sitiante dos arredores da cidade (Lavras), cujo nome era José Teodoro Vieira¹², fora atacado de uma espécie de paralisia infantil desde os seus dois anos de idade, paralisia que lhe deformara terrivelmente as pernas, tornando-as tortas, unidas pelos joelhos; os braços eram arcados e retesados, e até a fisionomia se apresentava abobalhada e como que intumescida por um esforço ignoto. Era, além de tudo, também mudo. Ao penetrar a sede do Centro, acompanhado pelo pai, os dois videntes então presentes e também eu mesma, também presente, fomos concordes em perceber uma forma escura e compacta cavalgando o rapaz, como se ele nada mais fosse que uma alimária de sela, visto que até as rédeas e o freio na boca existiam estruturados na mesma sombra escura. O enfermo, com efeito, mantinha o dorso curvado, como se submetendo ao jugo do seu cavaleiro, chorava de dores musculares, de dores lombares, de ouvido e de garganta, e tudo indicava que uma espécie de reumatismo incurável, uma paralisia parcial, originária da sífilis, o infelicitaria para sempre, pois

¹² Os nomes próprios aqui citados serão fictícios ou alterados, para fins literários. Os verdadeiros nomes não deverão ser revelados ao público, porque a lei da Fraternidade, que o Espiritismo acata, o proíbe, a não ser que exista licença especial, das personalidades citadas, para que os seus nomes sejam declarados na íntegra, o que não me foi possível obter para os casos presentes.

os médicos consultados já haviam esgotado os seus recursos científicos para o curarem; o pobre pai despendera o máximo das suas posses para o tratamento, mas o mal permanecia desafiando o tempo e as tentativas de cada um. Tratava-se, como vemos, de obsessão típica daquelas citadas nos Evangelhos de Jesus, as quais tinham até mesmo o poder de tomar surdo e mudo o paciente, e que Jesus e seus apóstolos com tanta facilidade curavam com a aposição das mãos. No decurso de dez anos de domínio, essa terrível obsessão afetara músculos e nervos, glândulas e sistema nervoso do passivo, o que desorientara os próprios médicos, que, tratando do enfermo com os métodos ditos científicos e indicados para o caso, não logravam sequer alívio para ele.

Eu era então o médium responsável pelo intercâmbio espiritual no (Posto Mediúnico da “Assistência aos Necessitados” do Centro acima referido, verdadeiro templo de amor e ciência transcendente que era aquela organização. Já por essa época o Espírito Dr. Bezerra de Menezes me honrava com sua assistência para todos os trabalhos mediúnicos empreendidos, e fiz imediatamente a consulta necessária, obtendo o simples esclarecimento que se segue:

— “Façam o pedido para o enfermo nas vossas sessões comuns. Que ele se submeta a um tratamento de passes diários, no próprio Centro, com uma corrente de três ou mais médiuns, e assista às reuniões que puder. O caso é simples...”

Concedeu receita homeopata, que foi religiosamente observada, com os medicamentos fornecidos pela própria “Assistência aos Necessitados”, gratuitamente.

Logo na primeira sessão realizada e quando o paciente só havia recebido passes, aplicados conforme a indicação, apresentou-se um antigo escravo africano, do Brasil, revoltado contra a violência que faziam, retirando-o à força do dorso do seu “corcel”:

— “Porque então não posso também castigá-lo, ele já me castigou tanto — dizia. — Ele foi meu Senhor e me subjugou enquanto vivi... Agora é a minha vez de subjugar-lo com o meu chicote e a minha espora... Não era eu o burro de carga que ele chicoteava? Pois agora o burro é ele e a carga sou eu... Chumbo ‘berganhado’ não dói...”

— Mas não vês que este rapaz conta apenas doze anos de idade, e não podia ter sido teu Senhor, quando a escravatura foi abolida há tantos anos?... — retrucou o presidente da mesa com inteligência, tentando esclarecimentos doutrinários.

— “Ora, ora, ora... — tornou a entidade — eu bem sei o que digo e quem é ele, o meu burro... Ele é Nhonhô Teodoro Vieira, sim, não me engano não... eu nunca o perdi de vista...”

Facilmente esse opressor foi retirado e encaminhado às estâncias do Invisível convenientes ao seu estado, talvez a uma reencarnação imediata, e, prosseguindo o tratamento recomendado, o moço enfermo tornou-se radicalmente curado em trinta dias.

Conversando com o pai do jovem, soube-se que “Nhonhô Teodoro” fora o bisavô do próprio enfermo, e que possuía alguns escravos, pequeno fazendeiro que fora na zona rural da velha cidade. Pela lei da reencarnação, os próprios acontecimentos autorizam a dedução de que o jovem José Teodoro Vieira mais não era do que a reencarnação do próprio bisavô. Colocado agora na quarta geração da própria família, padecia a vingança de um escravo odioso que não fora capaz de perdoar os males recebidos, e, assim, descrendo da justiça de Deus, fazia justiça pelas próprias mãos. Lembro-me ainda da última receita concedida pela entidade Dr. Bezerra de Menezes ao jovem obsidiado: Beladona e China da 5ª dinamização e seis vidros de antigo reconstituente muito usado pela época. Deslumbrado, o pai do rapaz tornou-se espírita com toda a família, desejoso de se instruir no assunto, enquanto o filho, falando normalmente, explicava, sorridente:

— “Eu sabia falar, sim, mas a voz não saía porque ‘uma coisa esquisita’ apertava minha língua e engasgava a garganta”.

Essa ‘coisa esquisita’ seria, certamente, o “freio” forjado com forças maléficas invisíveis...

* * *

No antigo “Centro Espírita de Lavras” tive ocasião de presenciar os mais estranhos e sensacionais casos de obsessão de que tive conhecimento. Dir-se-ia aquele núcleo especializado em tais casos, dada a sua legítima feição de «santuário», onde as repercussões do mundo não encontravam eco. O leitor certamente se lembrará do volume «Dramas da Obsessão», cujas personagens centrais foram ali socorridas. Alguns daqueles casos se apresentavam grotescos, mesmo tocados de humor, outros dramáticos, incuráveis, que os Guias Espirituais do núcleo desenganavam de imediato, recomendando, todavia, preces continuadas e tratamento de passes, que certamente beneficiariam os infelizes perseguidos e seus perseguidores.

Formaria um volume os numerosos casos que presenciei ali e em outras localidades, nos quais tive ocasião de interferir, quer como médium quer como conselheira. Citarei ainda alguns, nestas páginas, visto que estudamos uma tese e não será perdida a observação que fizemos.

De certa feita, pela mesma ocasião em que se passou o caso antecedente, certo jovem de dezoito primaveras, também natural da zona rural daquela tradicional cidade mineira, foi levado ao dito Centro Espírita, por um seu irmão mais velho, que desejava curá-lo das peraltices que vinha praticando. O jovem, a quem chamavam Joãozinho, saltou então, imediatamente, para as cadeiras vazias do salão, equilibrando-se nos rebordos do encosto das mesmas, frágeis cadeiras de palhinha, que não suportariam o peso do volume, sem virar, se não ocorresse o fenômeno de levitação, espontâneo e belo. O jovem ia e vinha pelos rebordos do espaldar das cadeiras como o equilibrista no arame, no picadeiro de um Circo de diversões. Este mesmo obsidiado exibia-se em mímicas, caretas espirituosas e piruetas típicas, espojando-se no chão e coleando qual serpente, ou caminhando sobre as mãos e com as pernas para cima, saltando e pulando graciosamente, quando, no seu estado normal, era modesto e bisonho como legítimo camponês mineiro que era. Para sua cura, no entanto, não foi necessário nem mesmo o trabalho de sessões práticas. Afastada a entidade intrusa pela ação do passe, aplicado com poderosa corrente magnética de quatro médiuns, e comunicando-se a mesma pelo médium de incorporação, que sempre havia à mão, para casos de emergência, identificou-se como um pobre equilibrista de Circo, que simpatizara com o rapaz e ensinava-lhe a própria arte, desejando retirá-lo da enxada para labores menos rudes. O paciente foi igualmente curado com facilidade, visto não se tratar de obsessão odiosa e sim de fortes atuações amistosas do Invisível num admirável médium de efeitos físicos. Este, por sua vez, libertado do seu amável «professor», declarava que assistia a tudo quanto praticava, mas não podia evitar coisa alguma. Envergonhava-se do que fazia, tinha medo dos impulsos que o obrigavam a tais artes e se esgotava muito, sentindo-se alquebrado de forças. Não se tratou, no entanto, de um desenvolvimento mediúnico, obedecendo-se às instruções dos mentores espirituais. O paciente não se interessava pelo Espiritismo, sentia mesmo pavor pelo que consigo se passava, acreditava-se possesso do demônio e não possuía condições morais para o cultivo da sua prodigiosa força psíquica. Abrir as comportas de tal mediunidade, em semelhante indivíduo, seria expô-lo às hordas obsessoras e talvez aos próprios aproveitadores terrenos, que poderiam explorar-lhe a qualidade. Foram recomendados passes apaziguadores. A força mediúnica aquietou-se até segunda ordem...

* * *

E viu-se depois, certa noite, no amplo salão do Centro, novo e edificante fenômeno de levitação verificado com outro obsidiado, espontâneo como o primeiro, sem quaisquer provocações:

— Certo cidadão, natural da cidade mineira de Formiga, o Sr. Joaquim V., era pequeno fazendeiro, ou sitiante, e vivia plácida e nas suas lides bucólicas. É de estranhar como os obsessores nutriam preferências pelas pessoas do campo, pois, por aquela época, numerosos eram os casos afetando homens e mulheres das zonas rurais. Aquela personagem, porém, tornando-se presa dos «maus Espíritos», recorreu ao Centro Espírita de Lavras a fim de solucionar o seu angustioso problema. Em ali chegando à hora do expediente mediúnico, creio que o obsessor, mais galhofeiro e folgazão que propriamente mau, resolveu mostrar as próprias habilidades, certamente supondo infundir admiração e respeito aos circunstantes. Mal chegou ao salão, o pobre homem, Sr. Joaquim V., sobe à parede, dá três ou quatro passos na mesma, acima do nível do soalho, repete a proeza várias vezes, equilibrando-se de cada vez em sentido quase horizontal, rindo-se a bom rir.

Amorosamente convidado a descer e a não repetir a façanha, sob o respeito de uma concentração rápida-mente organizada pelas pessoas presentes, atendeu facilmente, encaminhando-se voluntariamente para o Posto Mediúnico, parecendo previamente informado de que deveria ali penetrar, como se conduzido pelos assistentes espirituais. Pelo médium J. P., sempre presente para trabalhos de tal natureza (como que especialista), identificou-se o galhofeiro como o «Chico da Porteira», compadre do «enfermo», que se queria fazer lembrado porque se sentia esquecido pelo velho amigo. E consciente-mente declarou, com naturalidade edificante:

— Não, eu não quero fazer nenhum mal ao meu compadre, pois até gosto muito dele, e por isso estou aqui. Mas há tanto tempo que eu morri e ele nunca me deu uma oração, não me deu nem uma missa, nem um terço, e tanto pouco caso me doe... Então, faça isso para que ele se lembre de mim...

Encantada com o teor da comunicação, perguntei ao comunicante, servindo-me do direito de observação facultado pela Doutrina:

— E como é que o Sr. age para fazer o seu compadre subir à parede?

— Ora... Ele é leve, eu gosto de brincar. Tomo o braço dele e digo: — Vamos brincar um pouquinho, meu compadre! E ele vai comigo. Isso me diverte...

Em seguida, virando-se para o compadre que, já aquietado, fitava o médium com os olhos estarecidos:

— Mandé celebrar uma missa para mim, compadre, deixe de “sovinice”... Eu sei que você tem o “cobre”...

Evidente era que o galhofeiro conservava a crença católica romana em Além-Túmulo, pois exigia a missa como proteção ao novo estado em que se encontrava, e absolutamente não sabia explicar o modo de agir para conseguir a proeza do seu estimado compadre, subindo à parede.

Mas o certo era que ele produzia fenômeno de levitação idêntico aos de «suspensão do mais pesado do que o ar», como aqueles realizados com mesas e poltronas pesadas: envolvia o amigo nas próprias forças fluídicas e o mantinha equilibrado no ar, embora se tratasse de fenômeno de curta duração.

Talvez até mesmo fosse dirigido por outras entidades mais experientes, interessadas em despertar a nossa atenção e nos obrigar a estudos mais acurados do Espiritismo.

— No mundo espiritual, onde o Sr. vive presentemente, ninguém o advertiu de que não deveria atormentar assim o seu compadre? — interroguei ainda, procurando informações doutrinárias. E ele respondeu com a mesma naturalidade:

— Que mundo?... Eu vivo no meu sitio mesmo, no sítio dele, onde costumo passar dias e dias, aqui, ali e acolá, passeando... Não fui para nenhum outro mundo, não, e até tenho muito medo desses assuntos... por isso quero a missa e as rezas dos meus amigos...

Não sei se o Sr. Joaquim V. atendeu ao pedido do velho amigo passado para o Além, O que sei é que, uma vez curado, aliou-se às hostes espíritas e regressou à sua terra natal procurando estudar a admirável Doutrina dos Espíritos. Quanto ao prazenteiro amigo “Chico da Porteira”, recebeu ele as preces sinceras do “Centro Espírita de Lavras” durante muito tempo. E o médium J. P. por ocasião da primeira comunicação daquela entidade, ouviu estas expressões do Sr. Joaquim V., as quais todos nós interpretamos como atestado de identidade do comunicante:

“Nem a morte pôde com o compadre Chico! Ele sempre foi assim, estonteado e brincalhão. Deus o tenha na sua guarda...”

Esta foi, de certo, a primeira oração dedicada ao amigo, que não o esquecera depois da morte...

* * *

Também tivemos obsessões violentas, no mesmo Centro, as quais consumiram um ou dois anos para serem resolvidas, exigindo do nosso esforço uma dedicação sem limites, e outras incuráveis, que nos extraíam lágrimas do coração, tal o pesar por vermos, de um lado, o obsidiado sofrer o próprio inferno em situações torturantes, que o próprio gênio de Dante Alighieri foi incapaz de conceber, e, do outro, a inclemência do obsessor, que, irredutível, não se resolvia à renovação de si mesmo para a dupla vitória, sua e da sua vítima, vitória que o Céu contemplaria jubiloso.

Muitas vezes, porém, conseguíamos vitória sobre o obsessor. Mas o obsidiado, uma vez liberto do algoz, resvalava novamente para a indiferença ou para os excessos de natureza inferior, descurando-se da própria redenção à luz do Evangelho, e era novamente tragado pelas forças inferiores por se afinar intransigentemente com elas. Era, pois, obsidiado porque queria ser. Como bem se percebe, em tais casos não existiriam, certamente, perseguições oriundas de velhos ódios do passado, mas incúria no cumprimento do dever perante a harmonia da lei divina, pois o obsidiado, possuindo forças mediúnicas acentuadas, atraía para si companhias prejudiciais do mundo invisível através do mau proceder diário. Nesses casos não haverá possibilidade de cura porque esta depende da reforma geral do paciente.

Dois exemplos citaremos ainda, ambos colhidos das recordações dos nossos labores mediúnicos. Foram dos mais penosos e bastarão para ilustrar o calvário que o médium palmilha na sua odisseia de intermediário entre as forças de dois mundos.

* * *

— A jovem Marta G. R. consorciara-se, ao que se dizia, por muito amor, com seu primo P. S. R. Cerca de quinze dias depois do matrimônio, no entanto, a desposada sentiu-se mal, afirmando que um vulto masculino se aproximava dela durante a noite, através do sonho, e amarrava-a totalmente, enrolando-a fortemente com cordas, dos ombros aos tornozelos. Impressionava-se muito com tais sonhos e passara a viver assediada por terríveis angústias e pavores. Se a família de Marta procurasse tratá-la pelo psiquismo, logo aos primeiros sintomas do mal, talvez que este pudesse ser remediado a tempo. Mas, em vez de encaminhá-la a um Centro

Espírita, seu marido levou-a a um consultório médico. O mal progrediu rapidamente, não obstante os medicamentos prescritos, e, dentro em pouco, a pobre Senhora tornou-se inteiramente tolhida pelos amarelos de cordas. Passou a viver retesada, braços colados ao corpo, endurecidos, como se as cordas invisíveis os tolhessem nos movimentos; nada podia fazer porque — dizia — estava enrolada com as ditas cordas; dificilmente se sentava e caminhava arrastando os pés como se, realmente, os tivesse atados pelos tornozelos, e, para alimentar-se, necessitava que outrem lhe levasse a iguaria à boca. Assim mesmo era que dormia, retesada; para higienizá-la era necessário o concurso de três ou mais pessoas, as quais só com extrema dificuldade o conseguiam. Finalmente, a jovem deixou de falar, tornando-se muda. Então, levaram-na ao Centro Espírita de Lavras, provindos de certa localidade às margens do Rio Grande.

Tratava-se, como bem se percebe, de uma obsessão exercida pela sugestão, ou hipnose, durante o sono, tipo dos mais graves que conhecemos. A obsidiada se entregava, sem tentar reações, pois, com efeito, difícil lhe seria reagir contra uma força maléfica de tal natureza.

Feita a consulta aos assistentes espirituais do núcleo, foi declarado por estes que o mal era incurável, tipo de obsessão odioso, por vingança de ofensas passadas e ciúmes passionais, e que a paciente sucumbiria ao dar à luz, pois se encontrava nos primeiros meses da sua primeira gravidez. Mas que nem por isso a abandonássemos: cumpria assisti-la com um tratamento de passes constantes e instrução evangélica, e que perseverássemos em súplicas pelo obsessivo, porque não seria vão o nosso esforço: seria sementeira caridosa para florescências futuras e alívio do presente.

A jovem Marta era órfã de mãe. Bem cedo o marido cansou-se de viver junto da esposa inútil. Desinteressou-se dela e da enfermidade. Restava, porém, o pai, amoroso e cheio de compaixão. Ainda assim, a situação era insustentável e a enferma foi internada em conhecida Casa de Saúde espírita, onde recebeu tratamento médico e espírita adequado, mas em vão. O obsessivo jamais consentiu em algo dizer a nos outros porque tão odiosamente agia. Limitava-se a declarar que a jovem lhe pertencia, que era sua esposa e não do “outro”.

Assistia às sessões, apossava-se do médium, era nitidamente visto pelos médiuns videntes, que o distinguiam como varão jovem, elegantemente trajado conforme o início do século passado, com punhos de rendas, mas cujas feições duras denotavam ódio imoderado. Nada houve que o convencesse a nos dirigir a palavra e sugestionava a enferma para que, como ele, se tornasse muda e nada dissesse a respeito do caso. E, com efeito, a paciente sucumbiu na época do seu sucesso. Não havia condições físicas para o nascimento da criança, e, porque se tornasse muda, não foi possível saber o que sentia, tornando assim impossível que tentassem uma operação Cesariana. Piedosos, respeitando o terrível passado espiritual daquela sofridora Marta, os Guias Espirituais se furtaram às explicações que desejaríamos obter. Aliás, eles somente costumam narrar os grandes dramas, vívidos por seus pupilos, em romances ou contos de alta moral. Mas como o médium possui poderes vibratórios capazes de captar o noticiário que esvoaça na aura dos Espíritos seus comunicantes, e como não lhe foi ordenado que guardasse segredo no presente caso, porque a Humanidade precisa conhecer essas impressionantes verdades a fim de meditar sobre elas, descobrimos que o móvel da terrível possessão fora o adultério feminino praticado em existência passada, adultério que o esposo ultrajado, amoroso, mas ciumento, não soubera perdoar, e como adultério interpretando também o atual matrimônio de Marta. Por sua vez, esta teria prometido fidelidade ao antigo esposo, no intuito de se livrar da sua perseguição, antes da atual encarnação, ou seja, durante o estágio de ambos na vida espiritual, sem contudo cumprir a promessa por circunstâncias prementes do próprio estado de encarnação, e agora, durante o sono, com a consciência pesada e certa da culpa, entregara-se ao castigo, sem tentar reação. Quanto ao nascituro, que certamente sofreu reflexos vibratórios, parece-nos haver-se complicado em drama

do passado, pelo menos assim nos autoriza a crer, em vista de casos congêneres, descritos em obras mediúnicas já do domínio público. Contudo, jamais obtivemos instruções positivas a respeito do mesmo.

Interrogará o leitor: Como tais casos podem acontecer dentro das leis superiores do Amor, estatuídas pelo Ser Supremo?

E a resposta virá, simples e concisa: Tudo isso será consequência de infrações às mesmas leis, efeitos lamentáveis de causas lamentáveis, frutos do livre arbítrio mal orientado de cada um.

Finalmente, registraremos a última ilustração, retratando os terríveis dramas da vida real de que a Terra é cenário, e onde contemplamos o choro e o ranger de dentes» resultantes dos maus atos por nós praticados.

O Revmo. Padre J. era um jovem de trinta e duas primaveras, culto, professor de latim e português, orador eloquentíssimo, que arrebatava os fiéis com os seus belos sermões filosóficos e religiosos, e muito estimado pelos amigos e pelos alunos. Certa manhã, porém, na pequena cidade sul-fluminense de cuja paróquia era vigário, e quando se entregava à celebração da missa, abandonou o altar subitamente, e, agitadoíssimo, dirigiu-se à sua residência, que ficava próxima à igreja, encaminhou-se ao quintal e, empunhando uma enxada, pôs-se a cavar a terra com sofreguidão. Estranhando o acontecimento, porquanto o sacerdote se encontrava paramentado com as insígnias religiosas, sua mãe aproximou-se dele e interrogou:

— Que fazes, meu filho? Porque estás cavando o chão?

E ele, com a voz emocionada, rouca, os olhos brilhantes, as faces esfogueadas, respondeu laconicamente:

— Aqui há um tesouro enterrado, preciso encontrá-lo...

Alguns dias mais e houve necessidade de interná-lo num hospital de alienados, porquanto sua excitação crescia quando se reconhecia impossibilitado de cavar o chão.

Não acompanhei o tratamento médico do enfermo, visto tal fato se ter passado durante a minha juventude e longe me sentia então de julgar que um dia ainda o descreveria para o público. Não me interessei, pois, pelos acontecimentos, senão relativamente, e por isso não fui jamais informada sobre o diagnóstico feito pelos psiquiatras do hospital. Mas é evidente que no caso existia a chamada “ideia fixa”, detalhe, ao que parece, muito grave para a psiquiatria. Sei, no entanto, que o jovem sacerdote esteve hospitalizado durante catorze anos sem jamais apresentar melhoras, falecendo sem deixar o hospital. Alguns pais de alunos dele, que eram espíritas, recorreram ao Espiritismo, caridosamente algo tentando a favor do amigo. Dez Centros Espíritas se interessaram pelo caso, inclusive o Grêmio Espírita de Beneficência, da Barra do Piraí, e o Centro Espírita de Lavras, onde eu exercia a mediunidade, e em todos eles os Guias Espirituais desenganaram o enfermo, asseverando-o duplamente atingido, física e espiritualmente, terrível expiação cujos complexos estariam acima da nossa possibilidade de análise, e acrescentando:

— “A obsessão possui meandros e complexos que dificilmente o homem compreenderia.

A própria evolução geral do paciente engloba-se nela. Sua própria mente nela se emaranha, acomoda-se a ela, sofrendo reflexos incuráveis numa só existência, como intoxicação letal, mesmo que o obsessor se haja retirado. Costuma dilatar-se ao estado espiritual, levando até mesmo séculos a ser completamente dissolvida. Oraí pois por ambos, ele e o obsessor, e sabeí que, ao reencarnar, o enfermo arrastou consigo a obsessão que, na Terra, somente agora se revelou ostensivamente, quando suas vibrações se encontraram positivamente possesadas pelas do obsessor.”

Entrementes, o perseguidor apresentava-se facilmente em todos os núcleos espíritas que se dedicavam ao caso. Mas nada dizia. Incorporava-se no médium, ouvia o que lhe diziam e

silenciava. Esse é o característico dos mais intransigentes obsessores. Aqueles que falam muito, ameaçam e insultam, ou choram e se lamentam, não são os piores. São antes fanfarrões, comediantes, e assim procedem pensando atemorizar ou comover, para melhor enganar. É um característico do desespero de causa em que se encontram. Mas não assim os que silenciam. Estes estão seguros do que fazem, vêm para cínica e impiedosamente ostentar as próprias forças numa provocação, são orgulhosos e intransigentes no ódio, que denotam até ao sacrilégio perante as leis de Deus. Não se comovem, não se fazem amigos daqueles que pensam em convertê-los, e às vezes são arrastados, pela punição, para as imediações de mundos inferiores, onde fazem estágio para a própria instrução, num supremo ensejo para a reabilitação, regressando depois à Terra para novas tentativas de progresso. Os médiuns videntes distinguiram aquele obsessor facilmente, eu inclusive, e eram concordes ao descrevê-lo, havendo intercâmbio epistolar entre os componentes dos núcleos espíritas, que trabalhavam no caso, a fim de se verificar a concordância das comunicações do mesmo. Tratava-se de um Espírito com aparência perispiritual de um homem de cor parda carregada, usando pequeno bigode e chapéu de palha, grande, como de uso nas lides campestres; roupas pobres, escuras, e deixava transparecer o prazer que sentia em mostrar aos médiuns os dois braços com as mãos decepadas. Nada comoveu esta entidade infeliz, cujo endurecimento foi penoso e apavorante para quantos se interessaram por ela. Não obstante, jamais prejudicou a qualquer de nós outros. Depois de comparecer a várias sessões em todos aqueles núcleos de trabalhos espíritas, despediu-se afirmando que não mais voltaria, e então disse o seguinte, usando expressões quase totalmente idênticas:

— “Vocês são uns néscios e eu os desprezo! Não compreenderam ainda que o Sr. Padre J. é o mais feliz dos mortais? Ele possui agora o que sempre ambicionou, desde os tempos passados. Faça-o crer que vive em cavernas de ouro, de diamantes, de esmeraldas, de rubins, e que tudo lhe pertence, como se ele fora um rajá das “Mil e uma noites...” e obrigo-o a cavar o solo para descobrir outras tantas cavernas... Outrora ele não nos obrigava ao trabalho forçado da enxada, para adquirir ouro, sempre ouro? Agora ele é meu, pertence-me como outrora eu lhe pertenci, comprei-o com a minha vida, que foi despedaçada por ele... Tenho poderes sobre ele e dele farei o que entender. Veem vocês estes meus braços de mãos decepadas? Foi ele que as mandou decepar a machado. Não odiei o carrasco que mas decepou, porque era escravo como eu e teve de obedecer às ordens recebidas. Fui escravo dele, sim! Era eu o pagem de confiança da família. Um dia desapareceu do cofre da Fazenda uma quantia vultosa. Quem a teria roubado? Eu, pelo menos, nunca o soube. Mas ele me acusou e eu estava inocente. E porque eu não confessasse, mandou decepar-me as mãos para eu não tornar a roubar. Desesperado de dor e de vergonha, matei-me, atirando-me ao açude. Mas nunca mais o abandonei. Já ouviram vocês falar em Inquisição? Pois isso era Inquisição! E ele era, então, inquisidor de todos nós, os escravos. Tenho sido a sombra dele desde aqueles velhos tempos. Quando ele morreu, logo depois, ao me encontrar no seu caminho, senti tal pavor da minha presença que desejou voltar depressa para a Terra e dedicar-se à religião, como defesa. Mas nada adiantou: eu não quero que ele seja religioso, quero que seja rico! Ele queria ouro, ouro e ouro, e por isso sacrificava os escravos na impiedade da enxada e do chicote. Pois aí está o ouro, ele agora o tem.

— “Não crês tu em Deus, porventura, meu irmão, e não temes, então, as consequências de tal ódio para ti mesmo, quando as leis divinas mandam perdoar as ofensas e amar o próximo? Não tens coração? Não sabes que o Padre J era o arrimo de sua velha mãe e de sua irmã solteira? Não desejas então a felicidade para ti mesmo, conquistando-a com o sacrifício do teu desejo de vingança? Experimenta o perdão e o esquecimento, eu te peço, por Deus! para que o teu coração sinta alívio nos sofrimentos que há tanto tempo suporta. Enquanto permaneceres acastelado nesse

ódio, serás desgraçado. Experimenta o perdão pelo amor de Deus, e verás como tudo se transformará ao redor de ti.” — aconselhou o diretor dos trabalhos, no Centro Espírita de Lavras, Sr. A. P.

— “O Sr. está enganado, eu não preciso nem quero transformações em meu modo de existir, e nem me sinto desgraçado. Que tenho eu com a mãe dele? Acaso ele se condeou da minha, ao obrigá-la ao serviço da enxada, quando era velha e exausta dos sofrimentos? Porque hei de perdoar? Fui educado por ele, e o Deus que ele me fez conhecer não é esse a que o Sr. Se refere, é o ódio e o crime. Ele acaso possuía coração para me ensinar a possuí-lo? E como hei de amar, se com ele somente aprendi a odiar?”

E, com efeito, a partir dessa data nunca mais apareceu em nosso agrupamento e tão-pouco nos demais. Entretanto, o infeliz obsidiado, na impossibilidade de obter uma enxada no Manicômio, cavava o chão com as próprias unhas, cavava as lajes do pátio e até os azulejos da cela, até que os dedos sangrassem e se deformassem, e só se acalmava quando lhe ofereciam montões de pedras, nas quais supunha ver tesouros de pedras preciosas. Mantinha-se frequentemente desnudo ou maltrapilho qual mendigo, pois estraçalhava as próprias roupas, e tomava os alimentos despejando-os na boca com o próprio prato, que havia de ser de folha, para não se quebrar diariamente. Semelhante inferno, conforme ficou dito para trás, teve a duração de catorze anos, durante os quais não reconheceu sequer a própria mãe, que o visitava banhada em lágrimas, nem um único amigo, totalmente modificada que ficara a sua personalidade. Não obstante, é possível que a versão do obsessor, para se desculpar, fosse falseada. Os Guias Espirituais nada esclareceram sobre o assunto e a nós outros cumpria a discrição ante o silêncio deles. Entidades obsessoras, como a que acabamos de apresentar, são comumente hipócritas e mentirosas, dramáticas, teatrais, piegas, criando, às vezes, romances pavorosos onde sempre figuram como vítimas. Nunca se humilham a reconhecer que também erraram. O experimentador prudente deve estar sempre prevenido contra suas narrativas, nada aceitando cegamente. Por sua vez, os instrutores espirituais são discretos e nem sempre esmiúçam o doloroso passado daquelas personagens — obsessores e obsidiados — senão através de obras literárias instrutivas, para exemplo à coletividade, e convém não ousar interrogá-los a tal respeito, a fim de não incorrerem na indisciplina, dando margem ao advento da mistificação. Aliás, ensinam os dispositivos da fraternidade que procuremos socorrer os que sofrem e auxiliar os que erram, a se reabilitarem, sem a curiosidade de lhes penetrar o passado. Este virá a seu tempo, na obra espírita, como instrução e exemplo para nossa própria reeducação. O obsessor do Revmo. Padre J., pois, poderia ter falseado a verdade ao narrar o drama pavoroso do próprio passado. Mas quem estiver devidamente informado sobre a barbárie dos tempos da escravatura no Brasil — detalhe da própria Inquisição — não descreverá totalmente da narrativa, que era feita com acento veemente de amargura em todos os agrupamentos espíritas que se interessavam pelo caso.

E a verdade era que, por toda parte em que se apresentava, os médiuns videntes lhe observavam os braços com as mãos decepadas.

De tudo quanto aqui registramos, deduziremos, portanto, a grande responsabilidade que pesa sobre os ombros do espírita, pois, se tais deveres nos são confiados pelo Consolador é porque temos possibilidade de cumpri-los, desde que fielmente nos dediquemos aos melindrosos certames do setor transcendental, pois que ele, o Consolador, nos fornece as credenciais para tanto. Muitas das curas obtidas através da mediunidade surpreendem até os que para elas concorreram: chegam a ignorar quando e como a cura foi realizada, fato significativo, indicando que somos todos meros instrumentos dos Guias Espirituais, sem razões, portanto, para a vanglória de nos considerarmos

autores das mesmas. De qualquer forma, não será meditação ociosa lembrar ainda uma vez as condições mais urgentes para prevenir o flagelo da obsessão ou para remediá-lo, em nós próprios ou no próximo, porquanto o trabalho é espinhoso, requerendo a máxima atenção nos seus pormenores, por parte daquele que em inspirada hora se dedica à edificante especialidade:

1 — Ascendência de médiuns e doutrinadores (diretores de sessões práticas) sobre o obsessor e o obsidiado, o que implica estado de superioridade moral dos mesmos operadores, atraindo a benemérita assistência da Espiritualidade Superior.

2 — Conhecimento pleno, senão profundo, da causa que defendem, com observação atenta das diferentes obsessões, visto que a obsessão é, por vezes, desorientador complexo, é absoluta certeza da assistência de Guias Espirituais autênticos durante o certame.

3 — Absoluta coragem — a coragem da fé — para enfrentar o obsessor e também o obsidiado, que poderá ser tão rebelde e endurecido quanto o primeiro, e vencê-los com as armas da fraternidade e do amor, sem se acovardar ante suas investidas, usando energia quando necessário, energia que o amor inspira e não a violência ou o orgulho.

4 — Humildade perante si próprio e as leis divinas, certificando-se de que as vitórias conseguidas no importante setor pertencem a Jesus, Mestre e reeducador dos homens e dos Espíritos, e não a nós, que nada representamos senão antigos obsessores e delinquentes, que agora resgatam vergonhoso passado através do amor e do trabalho; oração, vigilância, dedicação ilimitada ao compromisso firmado, esforçando-se por manter equilibrada a harmonização vibratória com os Espíritos protetores que acionam os trabalhos, jamais esquecendo que, se assim não for, o obsessor poderá tentar investir contra eles mesmos, durante o sono de cada noite, e será necessário conservar defesas que o desarmem. E lembrar, outrossim, que a mediunidade é dom sagrado, posto de abnegação e sacrifício a serviço dos desígnios de Deus para com a Humanidade.

5 — O ambiente da agremiação onde tais trabalhos forem realizados deverá ser resguardado de tumultos de qualquer natureza ou de outras tantas operosidades que não sejam os serviços doutrinários, visto que a transcendência, o imperativo dos trabalhos para curas de obsessão requerem pureza de vibrações e harmonias fluídicas que reajam favoravelmente sobre os figurantes do certame, inclusive os próprios Guias Espirituais, que se afastam dos meios que se desviem das normas estatuídas pela Doutrina. Semelhantes operosidades são próprias de templos de ciência e de fé e não poderão ser bem sucedidas se as levarmos a efeito indiferentes à grande responsabilidade assumida.

6 — Não convirá ao obsidiado assistir às sessões realizadas a seu benefício durante o estado agudo do mal, nem o obsessor deverá ser doutrinado por seu intermédio. Outro médium, assaz desenvolvido e bem assistido espiritualmente, intervirá com a boa vontade de servir, recebendo mediunicamente o obsessor a fim de que seja aconselhado. O obsidiado, afeito às vibrações dominantes do seu opositor, não estará em condições de se prestar à comunicação normal necessária, é antes um enfermo necessitado de tratamento e não um médium, propriamente. O fenômeno da passagem do malfeitor desencarnado para outro médium poderá ser provocado, caso não se revele espontâneo, seja por uma ordem dos tutelares espirituais que orientam os trabalhos, seja pela atração magnética do diretor dos mesmos, o qual aporá as mãos sobre o obsidiado e o médium disponível, simultaneamente, não sendo, contudo, indispensável tal atitude.

7 — Será necessário que os responsáveis pelos citados trabalhos orem e vigiem a cada passo, procedendo no lar e na sociedade como procedem no seu núcleo espírita, ou seja, de acordo com os quesitos que a Doutrina Espírita estabelece como norma moral para seus adeptos, visto que passarão a servir de padrão e exemplo para a emenda dos obsessores; estes prestarão atenção em suas normas de vida diária e somente os respeitarão se neles encontrarem superioridade moral.

8 — O obsidiado, se não procurar renovar-se diariamente, num trabalho perseverante de auto-domínio ou auto-educação, progredindo em moral e edificação espiritual, jamais deixará de se sentir obsidiado, ainda que o seu primitivo obsessor se regenere. Sua renovação moral, portanto, será a principal terapêutica, nos casos em que ele possa agir.

9 — Se um médium não se conduzir convenientemente perante a Doutrina, ou por qualquer outra circunstância demonstrar sinais de domínio de um obsessor, será indispensável que suspenda qualquer labor mediúnico, visto que já não poderá inspirar confiança as comunicações que receber e se poderá também prejudicar grandemente, dando ensejos à solidificação da obsessão. Nesse caso, deverá ser rigorosamente tratado pelos companheiros e por um médico, porquanto poderá encontrar-se esgotado nas suas forças vitais e nervosas, estado favorável ao prosseguimento do mal, que se alastrará também pelo aspecto físico e mental.

10 — A mesma recomendação acima se aplicará aos médiuns mistificados, pois que a mistificação persistente é o primeiro grau da obsessão. Nos casos do chamado animismo (automatismo. mental), será conveniente que se afaste das sessões práticas e se dedique a estágios em setores diferentes, onde poderá ser aproveitável.

A Seara Divina é extensa e fecunda e em qualquer situação serviremos ao Bem e à Verdade, se realmente houver o desejo de servir, e não somente no campo mediúnico. Muitos supostos médiuns, emaranhados nos complexos do animismo, uma vez afastados ou corrigidos das pretensões mediúnicas, têm conseguido equilibrar-se em outros setores, então realmente servindo à Doutrina Espírita e ao próximo. O automatismo mental, ou seja, o animismo, é a obsessão da própria mente e poderá ocasionar consequências desagradáveis para quem a cultiva.

Lembremo-nos de que o grande Paulo de Tarso, um dos maiores médiuns que o Cristianismo produziu, antes de se tornar o esteio do Cristianismo nascente recolheu-se ao deserto a fim de fazer a sua iniciação, num espaço de três longos anos. E o mesmo fizeram os demais médiuns do passado, isto é, os profetas e os grandes iniciados.

Tenhamos, portanto, idênticas atitudes se nos desejarmos transformar em obreiros seguros e fiéis da Doutrina dos Espíritos, capazes de vencer os terríveis complexos geradores da obsessão.

— *Fim* —

YVONNE DO AMARAL PEREIRA



Chamada carinhosamente de Dona Yvonne, é uma das mais respeitadas médiuns brasileiras e sua obra é referência entre doutrinários do Espiritismo — especialmente nas matérias: suicídio e obsessão.

Nasceu em Rio das Flores, RJ, em 24 de dezembro de 1900 e desencarnou na Capital fluminense em 9 de março de 1984. Filha de família modesta, estudou apenas o curso primário.

Teve sua mediunidade aflorada desde criança, sendo assistida intensamente por duas entidades: Charles, mentor espiritual que havia sido seu pai em outra encarnação (inclusive, Yvonne tinha flashes de reminiscências dessa existência); e Roberto de Canalejas, personagem citado nesta obra, que fora médico espanhol em meados do século XIX.

Ainda na adolescência teve acesso às obras de Allan Kardec e iniciou seus estudos de Espiritismo. Aos trezes anos, começou a participar de sessões espíritas, em que prazerosamente ouvia e via perfeitamente espíritos — dos quais recebia instrução intelectual e moral.

Dedicou sua vida à Doutrina Espírita: atual em centros de Lavras - MG, Barra do Piraí - RJ, Juiz de Fora - MG, Pedro Leopoldo - MG (onde trabalhou e era amiga particular de Chico Xavier) e Rio de Janeiro - RJ.

Teve contato mediúnico com entidades ilustres, como: Bezerra de Menezes, Bittencourt Sampaio, Camilo Castelo Branco (pelo pseudônimo de Camilo Cândido Botelho), Frederic Chopin e Leon Tolstoi.

Os principais livros por ela psicografados são: MEMÓRIAS DE UM SUICIDA (Camilo Cândido Botelho), NAS TELAS DO INFINITO (por Bezerra de Menezes e Charles); AMOR E ÓDIO (Charles); RESSURREIÇÃO E VIDA (Leon Tolstoi); a trilogia NAS VORAGENS DO PECADO, O CAVALEIRO DE NUMIERS e O DRAMA DA BRETANHA (por Charles).

Também escreveu artigos para vários jornais e revistas.

CONVITE:

**Convidamos você, que teve a oportunidade de ler livremente esta obra,
a participar da nossa campanha de
SEMEADURA DE LETRAS,
que consiste em cada qual comprar um livro espírita,
ler e depois apresentá-lo a outrem, colaborando assim na
divulgação do Espiritismo e incentivando as pessoas à boa leitura.
Essa ação, certamente, renderá ótimos frutos.**

Abraço fraterno e muita LUZ para todos!

www.luzespirita.org.br